

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA



PUC-SP

Isabella Nagem Janot de Matos - RA00230715

Trabalho de Conclusão de Curso

Fernando Pessoa e a Melancolia: Um estudo à luz da psicanálise

São Paulo

2024

ISABELLA NAGEM JANOT DE MATOS

Fernando Pessoa e a Melancolia: Um estudo à luz da psicanálise

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência parcial para a graduação no Curso de Psicologia na Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Orientador: Prof. Ricardo Radin Bueno

São Paulo

2024

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais pelo infundo apoio, ao meu irmão por suas palavras sábias apesar da tenra idade. Aos meus avós pelo carinho.

Agradeço ao Prof. Ricardo Radin pelas palavras de apoio e conforto em momentos de maior angústia. À Prof. Teresa Endo, que, além de parecerista do presente trabalho, foi uma figura essencial para a minha formação, desde o primeiro núcleo de supervisão clínica, até as aulas inundadas de literatura, cinema e arte, que desde sempre e cada vez mais se mostram essenciais para o entendimento da potência artística para a psique humana.

À Isadora Ávila por ter sido essencial na escrita deste trabalho, com sua ternura, nossas trocas e todos os momentos em que sua presença preencheu os 7 buracos da minha cabeça.

À Letícia Di Fiore, Julia Eda, Juliana Nogueira, Isadora Klock e Ana Zilberman por me mostrarem que o tempo é arte e família vai muito além de laços sanguíneos.

E ao André Matera, grande irmão/amigo/parceiro de vida que a cada dia me emociona mais com sua potência e doçura.

RESUMO

7.07.00.00-1 - Psicologia

Fernando Pessoa e a Melancolia: Um estudo à luz da psicanálise

Isabella Nagem Janot de Matos - ORIENTANDA

Prof. Ricardo Radin Bueno - ORIENTADOR

A presente pesquisa propõe um diálogo entre a psicanálise e a literatura com foco na obra de Fernando Pessoa e no conceito de melancolia desenvolvido por Sigmund Freud. Para tal, discorre-se sobre a construção conceitual-teórica da melancolia desde a Grécia antiga até as formulações feitas pelo psicanalista. Inicialmente, explora-se o impacto da criação heteronímica de Pessoa, caracterizada pela pluralidade de identidades, por um eu fragmentado, que reflete uma crise de identidade moderna. Para tal, utiliza-se da teoria freudiana para dissecar o conceito da melancolia em consonância com a maneira que Pessoa descreve a dor de existir, a partir do escrito de seus heterônimos. Sua produção é exímia para a literatura ao passo que seus múltiplos “eus” abrem margem para questionamentos acerca do papel da ficcionalidade de sua escrita, de modo que a poesia pessoana não é apenas um registro literário, mas uma incursão nos labirintos da subjetividade e do inconsciente. Assim, Fernando Pessoa, com suas múltiplas vozes e perspectivas, expande o conceito de melancolia. Além disso, buscou-se estudar a poesia como potente artifício na elaboração e simbolização dos conteúdos melancólicos levando em consideração o importante papel da repetição no movimento sublimatório.

Palavras-Chave: Psicanálise, Melancolia, Literatura, Fernando Pessoa, Sigmund Freud.

Referências Bibliográficas:

FERNANDEZ, Maria Cristina Ribeiro. *Complexidade, melancolia, tabacaria*. 2020. 152 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2020.

FREUD, Sigmund. *Luto e Melancolia. Obras Completas*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

OGDEN, Thomas H. **Uma nova leitura das origens da teoria das relações objetais**. *Livro Anual de Psicanálise*, v. 18, p. 85-98, 2004

SILVA JUNIOR, Nelson. *Fernando Pessoa e Freud: diálogos inquietantes*. São Paulo: Editora Blucher. 2019.

KRISTEVA, Julia. **Sol negro: depressão e melancolia**. Trad. Carlota Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO

2. OBJETIVOS

3. METODOLOGIA

4. Sobre a melancolia

4.1 Um recorte histórico da melancolia

4.2 Freud e a melancolia

4.3 Melancolia e a depressão

5. Fernando Pessoa: Aquém do eu, Além do outro

5.1 Fernando Pessoa e seus heterônimos

5.2 Poesia e melancolia

5.3 Pessoa-Vazio

6. Conclusão

7. Referências Bibliográficas

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho nasce a partir de indagações constantes a respeito da intersecção da arte e suas vicissitudes com a psicanálise. Para além disso, a escolha do autor Fernando Pessoa é dada por sua significância na história da literatura, principalmente ao que se refere à vanguarda da literatura moderna, ocorrida entre os séculos XIX e XX. Considera-se também que a pesquisadora teve seu primeiro contato com a obra de Fernando Pessoa aos 14 anos de idade, uma experiência que provocou um impacto profundo e imediato. Desde então, a complexidade e profundidade de sua escrita tornaram-se uma referência central em sua trajetória acadêmica e pessoal. A força expressiva de Pessoa, marcada por uma linguagem inquietante e por reflexões existenciais que transcendem o tempo, passou a alimentar um interesse contínuo pela literatura e pelas intrínsecas camadas da subjetividade humana explorada pelo autor por meio de seus versos geniais.

Tanto a arte e seus criadores, como a história e a filosofia são interlocutores íntimos da própria criação da psicanálise, sendo Sófocles, Shakespeare, Goethe e Ibsen apenas alguns dos exemplos de autores citados por Sigmund Freud. No prólogo do livro “Gradiva - Uma fantasia pompeiana” (1903), romance do escritor alemão Wilhelm Jensen (1837-1911), Jorge (1986) pontua que Lacan, em entrevista com estudantes da Universidade de Yale, reforça que Freud era ávido pela literatura, pois ela “lhe servirá para franquear a via desta ideia do inconsciente” (Lacan, 1976 apud Jorge, 1986, p. 33). Esta interdisciplinaridade fica explícita na teoria freudiana, visto que conceitos centrais como o Complexo de Édipo e Narcisismo, do mito de Narciso, foram extraídos da mitologia.

Segundo Fernandez (2020), à poesia, com suas fantasias e devaneios, sonhos e realidade, palavras e linguagem, Freud concede o lugar privilegiado para a compreensão do sujeito e suas vicissitudes. Para Freud (1911), a ficção e a arte seriam uma espécie de resguardo do processo de simbolização primária inserido na realidade cotidiana, ambas estariam ocupando tanto o espaço das patologias, quanto da cultura. Os artistas, descritos pelo autor por diversas vezes como preceptores da psicanálise, conseguem acessar vias inconscientes de modo espontâneo, ao passo que o psicanalista lida com a mesma natureza, mas esta encontra-se permeada pelo método científico.

Sendo a produção artística a satisfação imaginária de desejos inconscientes do próprio autor, ela ainda é capaz de satisfazer indiretamente os desejos do leitor, podendo despertar comoção entre outras emoções. Desta forma, a liberdade que o artista possui em seus meios o distingue do psicanalista, apesar de ambos estarem sob a influência de um domínio semelhante.

Assim, o teor melancólico presente na escrita de Fernando Pessoa emerge como uma resposta à crise do homem moderno no final do século XIX e início do século XX, período de grandes transformações sociais, científicas e tecnológicas. O tom melancólico expresso em suas tramas e versos é um reflexo de uma crise interior profunda, que pode ser ligada à pluralidade do ser e à fragmentação da identidade. Naquele momento, o aspecto central e mais valorável era uma suposta racionalidade, o que suscitou que o estilo de escrita realista pautasse a literatura anterior ao Modernismo. Muitos dos heterônimos de Pessoa são permeados por afirmações que poderiam ser adjetivadas e descritas como de dor, angústia, melancolia, desolação, desilusão, perturbação, solidão e um certo cansaço de existir. No seguinte excerto do *Livro do Desassossego* de autoria do heterônimo Bernardo Soares, já é possível perceber algumas nuances desse universo melancólico:

373.

Vem isto tudo, que vai dito como sentido, a propósito do grande cansaço aparentemente sem causa, que desceu hoje súbito sobre mim. Estou não só cansado, mas amargurado, e a amargura é incógnita também. Estou, de angustiado, à beira de lágrimas - não de lágrimas que se choram, mas que se reprimem lágrimas de uma doença da alma, que não de uma dor sensível [...] A minha grande nostalgia é de nada, é nada, como o céu alto que não vejo que estou fitando impessoalmente (Bernardo Soares, 1982, p. 351-352).

Fernando Pessoa (1888-1935), faz parte de um grupo de autores que convocam uma escrita autônoma e expressiva, diferentemente do mundo concebido de modo realista, como vinha sendo retratado a priori do movimento modernista. Nascido em 13 de junho de 1888, em Lisboa, aquele que seria conhecido como o *poeta fingidor*, desde cedo demonstrava uma tendência em criar figuras imaginárias, como é o caso de Chevalier de Pas e Capitão Thibaut, que criou em 1894. Seu pai faleceu quando ele tinha apenas 5 anos. Em 1896, após o casamento de sua mãe com um cônsul, se mudou para Durban, na África do Sul.

É possível inferir que a experiência de viver longe de sua terra natal e o contexto familiar de perdas podem ter contribuído para a sensação de desenraizamento e desassossego, temas frequentes na obra de Pessoa. Como se pode sugerir a partir do seguinte trecho, retirado

do poema intitulado *Dois excertos de Odes (Fins de duas Odes, Naturalmente)*, de autoria de Álvaro de Campos:

[...]
Uma folha de mim lança para o Norte,
Onde estão as cidades de hoje que eu tanto amei;
Outra folha de mim lança para o sul
Onde estão os mares que os navegadores abriram [...]
Outra folha minha atira ao Ocidente,
Onde arde ao rubro tudo o que talvez seja o Futuro,
Que eu sem conhecer adoro;
E a outra, as outras, o resto de mim
atira ao Oriente,
Ao Oriente donde vem tudo, o dia e a fê,
Ao Oriente pomposo e fanático e quente [...]
Ao Oriente que é tudo o que nós não temos,
Que é tudo o que nós não somos [...]
(Álvaro de Campos¹)

A temática da heteronomia, aspecto que o transformou em múltiplo, torna-se o diferencial de sua obra. Não é sabido ao certo qual o número de heterônimos criados pelo autor, estima-se que tenham sido em torno de 15, a maior parte com biografia, data de nascimento, caligrafia e estilo literário próprios. Vale-se dizer que heterônimo não é o mesmo que pseudônimo; heterônimos são personagens criados por Pessoa, que pensam diferentemente dele e têm estilos diferentes. Os mais conhecidos são Alberto Caeiro, poeta bucólico; Bernardo Soares, que dá autoria ao famoso *Livro do Desassossego* (1982), considerado o mais melancólico dos heterônimos; Álvaro de Campos, o engenheiro sensacionalista, e Ricardo Reis, adepto do classicismo abstrato e frio.

Nas palavras de Pessoa: “[...] pus no Caeiro todo o meu poder de despersonalização dramática, pus em Ricardo Reis toda a minha disciplina mental, vestida da música que lhe é própria, pus em Álvaro de Campos toda a emoção que não dou nem a mim nem à vida” (Fernando Pessoa²).

Pode-se questionar, por meio da indagação do próprio autor: *De quem é o olhar, que espreita por meus olhos?* (Fernando³ Pessoa, 1976). Silva Junior (2019), entende que a heteronímia questiona as fronteiras entre o discurso com sentido, capaz de sinalizar uma visão de mundo tida como verdadeira e concreta, de um discurso ficcional, fronteira esta

¹ PESSOA, Fernando. (sem título). In: PESSOA, Fernando. *Poesia completa de Álvaro de Campos*. Edição: Teresa Rita Lopes. São Paulo: Companhia de Bolso, 2015, p. 88-89.

² PESSOA, Fernando. *Carta a Adolfo Casais Monteiro*. (1935). In: PESSOA, Fernando. *Cartas de Fernando Pessoa*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2000.

³ PESSOA, Fernando. *Poema em linha reta*. (1935). Disponível em: <http://arquivopessoa.net/textos/264>. Acesso em: 5 nov. 2024.

considerada pelo autor como um *sintoma da ficcionalidade*. Já Alberti (2020), estudando sobre biografia na história oral, aponta como ilusória a ideia de uma unidade do eu, que é despertada quando um indivíduo se propõe a relatar a trajetória de vida do autor. A autora, então, exemplifica Fernando Pessoa como uma referência literária que demonstra a fragmentação do eu, comum a todos os indivíduos. O próprio *Livro do Desassossego* (1982), segundo ela, é uma anti-autobiografia: “não há curso da vida, trajetória, carreira. O que há é inatividade e impossibilidade de agir. [...] Percebe-se, pois, a ausência de essência, a impossibilidade de exprimir totalmente a pessoa” (Alberti, 2020, p. 4).

Fernandez (2020) coloca que ao forjar tantos heterônimos, Pessoa tenha tentado buscar maior contorno e sentido identitário perante seu grande dilema, que envolve o ser/não ser. Podendo transparecer em vidas diversas com um claro conflito perante o existir, os heterônimos se expressam através da inquietude do “eu” de Fernando Pessoa, como pode ser observado no trecho a seguir:

*Meu deus, meu Deus, a quem assisto?
Quantos sou?
Quem é eu?
O que é este intervalo entre mim e mim?
(Álvaro de Campos)⁴*

No campo da psicanálise, o texto *O Inquietante* (Freud, 1919), previamente traduzido como *O Estranho*, em que Freud conceitua o termo como “aquela espécie de coisa assustadora que remonta ao que é há muito conhecido, ao bastante familiar” (1919, p. 277), que desperta angústia e horror, podendo-se balizar em interlocuções possíveis com literatura. O autor delimitou dois caminhos para ingerir o caráter velado do inquietante a partir de seus pontos em comum: a evolução que a língua depositou na palavra *unheimlich* e reunindo o que na cultura, vivências e situações, desperta no sujeito o sentimento do inquietante.

Enquanto a origem da palavra *unheimlich*, o autor destaca que é evidente que esta seja o oposto de *heimlich*, que em sua raiz contém a palavra *Heim*, que significa lar em alemão. O autor conclui que o adjetivo heimlich se refere a doméstico, conhecido, familiar, sendo natural concluir que “algo é assustador justamente por *não* ser conhecido e familiar” (Freud 1919, p.331). Contudo, acrescenta também um outro significado, pois tudo o que deve ficar no âmbito do lar e da família, deve ser ou deve ficar secreto. Portanto, com o prefixo un-, de negação, unheimlich é tudo o que não é familiar, não é conhecido, portanto, estranho, mas

⁴PESSOA, Fernando. (Tabacaria). In: PESSOA, Fernando. Poesia completa de Álvaro de Campos. Edição: Teresa Rita Lopes. São Paulo: Companhia de Bolso, 2015, p. 36.

também tudo aquilo que não fica secreto, ou seja, que vem à tona. Freud, chama atenção para a ambiguidade da palavra, uma vez que:

Nesse longo excerto é possível descobrir que entre os seus diferentes matizes de significado a palavra “heimlich” exhibe um que é idêntico ao seu oposto, “unheimlich”. Assim, o que é heimlich vem a ser unheimlich. [...] Em geral, somos lembrados de que a palavra “heimlich” não deixa de ser ambígua, mas pertence a dois conjuntos de ideias que, sem serem contraditórias, ainda assim são muito diferentes: por um lado significa o que é familiar e agradável e, por outro, o que está oculto e se mantém fora da vista (Freud, 1919, p. 335).

O autor aponta que muitas coisas que seriam inquietantes na vida real não causam o mesmo efeito na literatura, enquanto existem também inúmeras possibilidades que não se encontram na realidade, capazes de gerar efeitos perturbadores. Assim sendo, Freud (1919) enxerga o inquietante na literatura ainda mais amplo que o inquietante das vivências, já que o ultrapassa, uma vez que tratando-se de fantasia, seu conteúdo não está sujeito à prova da realidade. No caso do universo Pessoaano, seus heterônimos vêm à realidade por meio de um processo subjetivo do autor, e da mesma forma não estão sujeitos às provas de realidade. Portanto, em *O Inquietante*, Freud valoriza o potencial do campo da estética e da literatura no que concerne ao aparecimento dos conteúdos ocultos da psique, que de maneira particular e potente, afetam o leitor diante do que é estranho e inacessível pela consciência.

Em 1916, ensaiando a publicação do texto *Luto e Melancolia* - escrito em 1915, mas publicado em 1917, Freud narra um passeio que fez acompanhado de um jovem poeta a quem descreve como ‘taciturno’ no texto *Ensaio sobre A transitoriedade* (1916). O autor descreve que o poeta aparentava admirar a beleza em sua volta, entretanto não sinalizava extrair qualquer alegria disso. Perturbava-o o pensamento de que toda aquela beleza estava fadada à extinção, de que desapareceria quando chegasse o inverno, como toda a beleza humana e toda criação que os seres humanos criaram ou poderão criar (Freud, 1916). Tudo aquilo que, em outra circunstância, o poeta teria amado e admirado, pareceu-lhe esvaziado de valor por estar fadado ao fim, ou seja, sua angústia se referia à transitoriedade.

O autor discorre sobre o movimento do jovem em desvalorizar a beleza presente por conta de seu eventual fim e o relaciona com o movimento do enlutado que abdica dos investimentos objetais ao passo que a libido retorna para o eu. Como citado, o ensaio referido foi escrito na mesma época que o texto *Luto e Melancolia* (1915), de modo que certas ideias foram introduzidas ao que interfere no julgamento de Freud perante o poeta, percorrendo

sobre uma nova concepção de luto, profundamente melancólica, como consequência do desejo frustrado pela efemeridade e transitoriedade. Segundo Fernandez (2020):

A reação emotiva à proposição universal de que tudo está fadado à morte e ao fim encontra o inconsciente que não tem lugar para a ideia da própria mortalidade e finitude. Na iminente ameaça da perda, pautada na exigência de eternidade, o poeta vivencia um tipo de luto de natureza ideal e enigmática, a melancolia (p. 35).

Para ilustrar esta ideia em diálogo com a obra pessoana, pode-se inferir que elementos a respeito da transitoriedade e efemeridade impostas pela realidade se encontram presentes no seguinte excerto do heterônimo Álvaro de Campos:

A constituição inteira de meu espírito é de hesitação e dúvida. Nada é ou pode ser positivo para mim; todas as coisas oscilam em torno de mim, e, com elas, uma incerteza para comigo mesmo. Tudo para mim é incoerência e mudança. Tudo é mistério e tudo está cheio de significado. Todas as coisas são “desconhecidas”, simbólicas do Desconhecido. Em consequência, o horror, o mistério, o medo por demais inteligente (Álvoro de Campos).⁵

Ao longo dos séculos e saberes constitutivos, a melancolia foi objeto de reflexão e a partir dela, diversas visões de mundo e da subjetividade humana foram sendo construídas. Investigar a história da melancolia, possibilitará, ao longo deste estudo, compreender as influências de Freud e suas novas descobertas acerca da teorização do termo, que posteriormente no campo da medicina viria a ser classificado pelo DSM-5 como Transtornos Depressivos. Vale-se ressaltar o interesse no diálogo com o período histórico em que viveu Fernando Pessoa (1888-1935), que coincide com a teorização da metapsicologia.

⁵PESSOA, Fernando. (sem título). In: PESSOA, Fernando. Poesia completa de Álvaro de Campos. Edição: Teresa Rita Lopes. São Paulo: Companhia de Bolso, 2015, p. 227.

2. OBJETIVOS

2.1 Objetivo geral

Estudar a história da melancolia na teoria da psicanálise freudiana, com enfoque em articular o conceito com a literatura, mais especificamente com a literatura pessoana. Longe da pretensão de esgotar o tema, o presente trabalho foi norteado pelas seguintes perguntas: De que modo a literatura se entrelaça com a psicanálise? E a heteronímia de Fernando Pessoa? Quais são os diálogos possíveis entre a obra de Pessoa e o conceito de melancolia formalizado por Freud?

2.2 Objetivos Específicos

Explorar a história e as concepções de melancolia ao longo do desenvolvimento da teoria psicanalítica, com foco nas contribuições de Freud e outros teóricos, e como essas ideias se aplicam à literatura.

Investigar o papel da linguagem poética como uma ferramenta de sublimação, utilizando a poesia para expressar o inconsciente e o sofrimento melancólico.

Estudar o conceito de melancolia como uma “imitação da morte” no contexto da psicanálise e sua aplicabilidade na análise das obras literárias, especialmente no universo poético de Fernando Pessoa.

Articular a relação entre a melancolia e a estrutura de identificação narcísica, refletindo sobre como a internalização do objeto perdido se manifesta na subjetividade e no processo criativo de Pessoa.

Examinar a função da poesia como uma possibilidade de transformação do luto, trazendo à luz as dinâmicas psíquicas envolvidas na expressão do sofrimento na literatura pessoana.

3. MÉTODO

Considerando que se trata de uma pesquisa teórica em psicanálise, procurou-se aqui analisar as implicações de uma leitura da poesia de Fernando Pessoa, com enfoque no tema da melancolia, através de uma revisão de literatura da teoria psicanalítica articulada com noções derivadas de autores que se debruçaram sobre o autor lusitano juntamente com a psicanálise e autores que tiveram como enfoque o estudo da melancolia. O movimento que o conceito de melancolia percorre na história, desde a Grécia Antiga até a contemporaneidade, aponta a intrínseca relação entre o estado melancólico e a arte. Assim, objetivou-se discutir e conciliar produções provenientes desses campos. Busca-se compreender de que modo a ficcionalidade da psicanálise ocorre na obra pessoana e de que modo o autor realiza uma escrita inquietante, que tem o caráter melancólico como meio de sublimação.

A revisão de literatura teve como eixo principal as considerações da obra freudiana referentes à melancolia enquanto modelo metodológico, em conjunto com, principalmente, os trabalhos de Roberto Kirschbaum (2020), Elisa Cintra (2018), Julia Kristeva (1989), Ogden (2004) vale-se dizer que os textos de Freud foram referenciados pela edição da Editora Companhia das Letras, de 2010, com tradução de Paulo César Lima de Souza direto da edição em alemão. Também foram referenciados, Nelson da Silva Junior (2019), Maria Cristina Fernández (2020), que propõe o diálogo entre Freud e Fernando Pessoa, de modo a desvelar as interlocuções possíveis da literatura e psicanálise, costurando a relação entre a poesia, melancolia, ficcionalidade, linguagem e subjetividade.

Reconhece-se outra importância de convocar esses nomes para o debate: eles incluem na escrita acadêmica inquietações a respeito do escritor como interlocutor privilegiado das manifestações inconscientes. Além disso, em concordância com Kilomba (2021), defende-se que as vivências pessoais e subjetivas devam ser incluídas no saber acadêmico, visto que nenhum discurso é neutro e que a teoria está sempre posicionada (Kilomba, 2021, p. 58).

Cintra e Neto (2012) discorrem a respeito da pesquisa em psicanálise em diálogo com a literatura colocando, a arte, incluindo poesia e literatura, como essenciais para a pesquisa em psicanálise, ao oferecerem uma via para acessar e compreender as dimensões simbólicas e subjetivas da psique humana, aspectos que não são diretamente observáveis. A arte serve

como um terreno metafórico onde os conflitos internos, sentimentos e o inconsciente ganham expressão, possibilitando ao psicanalista interpretar o “não-dito” e os elementos que, muitas vezes, escapam à linguagem direta. O diálogo da psicanálise com a arte e a poesia é essencial para aprofundar temas subjetivos como a melancolia. No caso do presente trabalho, Pessoa, com sua escrita introspectiva e fragmentada, abre um terreno fértil para a análise psicanalítica que pode desdobrar significados latentes. Inspirado no método psicanalítico, pode-se pensar na poesia de Pessoa como “material clínico”, examinando como o autor expressa e lida com a melancolia por meio de sua estética literária.

O artigo evidencia o uso da metáfora como ferramenta para acessar o inconsciente e o não-dito. Em Pessoa, a melancolia pode ser vista como uma metáfora constante, manifestando-se através de heterônimos, temas existenciais e linguagens que oscilam entre o eu e o outro. Explorar a obra de Pessoa com esse foco na linguagem simbólica pode revelar insights sobre a melancolia que perpassa sua obra.

Outro aspecto que o artigo destaca é que o método psicanalítico envolve uma “atenção flutuante” e uma sensibilidade semelhante à do artista. O psicanalista, ao ouvir o paciente, utiliza-se de uma capacidade metafórica comparável à do poeta ou escritor, conectando significados aparentemente dispersos e revelando camadas ocultas do inconsciente. A pesquisa psicanalítica, portanto, é enriquecida pela arte, que não apenas inspira suas técnicas, mas também fornece um modelo de pensamento aberto e paradoxal, essencial para lidar com as contradições e complexidades da mente humana. Inspirada no método clínico da psicanálise, esta técnica sugere uma postura de “atenção flutuante” ao se ler a obra de Pessoa, permitindo captar símbolos, metáforas e nuances que remetem à melancolia. Assim como um psicanalista escuta o paciente, pode-se “escutar” a obra com uma abertura interpretativa, buscando relações entre o texto e as emoções profundas do autor.

Em suma, esta pesquisa busca não apenas entender a melancolia na obra de Fernando Pessoa, mas também enfatizar as conexões intrínsecas entre a poesia e a psicanálise. Através da leitura atenta e da revisão de literatura, evidencia-se como a escrita pessoana se torna um campo fértil para a exploração dos complexos labirintos da subjetividade. A análise revela que a melancolia, mais do que um mero tema, se configura como uma chave interpretativa que permite acessar as camadas profundas da experiência humana, ampliando o entendimento sobre o papel da arte na construção do saber psicanalítico. Assim, o diálogo entre a literatura e a psicanálise não só enriquece o campo acadêmico, mas também nos convida a refletir sobre as sutilezas da condição humana, tornando a obra de Pessoa uma fonte inesgotável de insights sobre a melancolia e a linguagem do inconsciente.

Dessa forma, as poesias e interpretações compartilhadas pelos autores citados, ilustrarão alguns fenômenos que serão analisados nos capítulos subsequentes. Para realizar essa revisão bibliográfica, foram utilizadas bases de dados como Google Acadêmico, Scielo, BVSsalud, Repositório PUC-SP e BDTD. Orientaram a busca descritores como: Literatura, Psicanálise, Melancolia, Fernando Pessoa, Sigmund Freud.

4. SOBRE A MELANCOLIA

4.1 Um recorte histórico da melancolia

O termo *melankholia* é atribuído a Hipócrates, que a sintetizou como o “a perda de amor pela vida, uma situação na qual a pessoa aspira à morte como se fosse uma benção” (Roccatagliata apud Scliar, 2003, p.70). São nos versos da *Iliada* (cerca de 850 a.C.), escrita por Homero (VIII a.C.), que a primeira imagem mítica do sujeito melancólico é apresentada. Belerofonte, herói taciturno, atacado pela fúria dos deuses, sofre de uma cólera misteriosa que o condena à tristeza, à solidão e ao desespero.

Segundo Peles (1996), o termo surge da associação do grego *kholê* (bile) e *melás* (negro) isto é, *melancholia*, significando, portanto, bile negra. Ela é classificada por Hipócrates a partir de um conjunto de sintomas: “aversão à comida, falta de ânimo, insônia, irritabilidade e inquietação” (Cordás, 2002, p. 22). Segundo Kirschbaum (2014), a melancolia está ligada à teoria humoral hipocrática, que dominou a medicina ocidental do século IV a.C. até meados do séc XIX. Conforme a teoria humoral, o ser humano seria regido pelo equilíbrio entre quatro humores: sangue, bile amarela, fleuma e bile negra; as doenças seriam causadas por desequilíbrios humorais e a melancolia estaria ligada à bile negra. Deste modo, se um sujeito tem como preponderante a bile amarela, seria considerado colérico, enquanto uma bile negra que se dirigisse ao cérebro poderia resultar em mania, caracterizada como loucura furiosa, ou em melancolia, considerada como loucura triste.

A primeira menção formal à melancolia como doença se dá no livro VI dos Aforismos de Hipócrates (1839). No Aforismo 23, o médico grego identifica: “Quando o temor e a tristeza persistem por muito tempo, é um estado melancólico” (Hipócrates, apud Kirschbaum, 2014). Kristeva (1989) acrescenta que o aristotelismo amplifica a etiologia da melancolia ao dotá-la como estado disparador para o ato criador - ao passo que para o filósofo, a genialidade estaria intimamente ligada ao estado melancólico:

A melancolia que ele evoca [Aristóteles] não é uma doença do filósofo, mas sim sua própria natureza, o seu *ethos*. Não é a que ataca o primeiro melancólico grego Belerofonte [...]. Autofágico, porque abandonado pelos deuses, exilados pelo decreto divino, este desesperado não estava condenado à mania, mas ao afastamento, a ausência ao vazio. Com Aristóteles, a melancolia, equilibrada pelo gênio, é coextensiva à inquietação do homem no Ser (Kristeva, 1989, p. 14).

Passada a Idade Antiga, ao longo dos séculos que se seguiram, formulações foram feitas acerca da melancolia de acordo com os trejeitos que cada período histórico invoca. Na Idade Média, por exemplo, o conservadorismo religioso retira a melancolia dos campos da filosofia e da medicina e a restringe à teologia - mais especificamente como pecado grave, assimilando-a a pecados capitais como inveja, gula, raiva, etc. Desprovida das ideias aristotélicas de criação e genialidade, a melancolia passa a ser encarada pela sua face entristecida e apática. No Renascimento, com a diminuição da influência cristã, a melancolia é retirada da posição estritamente teológica e as concepções de Hipócrates e Aristóteles voltam à tona. Deste modo, a conjuntura renascentista surge como idade de ouro da melancolia e torna o predado melancólico uma singularidade e virtude dos artistas, filósofos e poetas.

412.

Há mágoas íntimas que não sabemos distinguir, por o que contêm de sutil e de infiltrado, se são da alma ou do corpo, se são o mal-estar de se estar sentindo a futilidade da vida, se são a má disposição que vem de qualquer abismo orgânico - estômago, fígado ou cérebro. Quantas vezes se me tolda a consciência vulgar de mim mesmo, num sedimento torvo de estagnação inquieta! Quantas vezes me doí existir, numa náusea a tal ponto incerta que não sei distinguir se é um tédio, se um prenúncio de vômito! Quantas vezes...
(Bernardo Soares⁶)

Já no início da Idade Moderna, na Inglaterra, Robert Burton (1577-1640) escreve *Anatomia da Melancolia* (1621). Burton descreve a melancolia como doença muito grave, e comum. O autor argumentou, preservando algumas ideias aristotélicas, que o estado melancólico está ligado à genialidade, afirmando que “a loucura melancólica, diante da mortalidade humana [...] era a única resposta que um homem inteligente poderia oferecer” (Burton, apud Porter, 2012, p. 22). Burton menciona também alguns simbolismos aos quais unia à imagem da anatomia da melancolia, como: solidão, apaixonamento, desamparo, desilusão e que juntos expressam a extrema angústia de existir do melancólico. Assim, antes que Freud elaborasse sua teorização em torno da melancolia, o sofrimento paralisante do melancólico já era objeto de interesse e reflexão ao longo dos séculos.

Súbita, uma angústia...

Ah, que angústia, que náusea do estômago à alma!

Que amigos que tenho tido!

Que vazias de tudo as cidades que tenho percorrido!

⁶PESSOA, Fernando. *Livro do Desassossego*. Edição revista e atualizada. Organização e introdução de Richard Zenith. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.
O número acima do excerto refere-se ao título.

Que esterco metafísico os meus propósitos todos!

Uma angústia,
Uma desconsolação da epiderme da alma, Um deixar cair os braços ao sol-pôr do esforço...
Renego.
Renego tudo.
Renego mais do que tudo.
Renego a gládio e fim todos os Deuses e a negação deles.
Mas o que é que me falta, que o sinto faltar-me no
[estômago e na circulação do sangue?
Que atordoamento vazio me esfalfa no cérebro?

Devo tomar qualquer coisa ou suicidar-me?
Não: vou existir. Arre! Vou existir.
E-xis-tir...
E--xis--tir...
(Álvaro de Campos⁷)

4.2 Freud e a melancolia

Contrapondo-se à medicina tradicional da época, Freud inovou as ideias a respeito da subjetividade do sujeito ao escrever o artigo *Três Ensaio Sobre a Teoria da Sexualidade* (1901), em que introduz noções como a das pulsões e da libido, que segundo Laplanche e Pontalis (1982) são, respectivamente: O processo dinâmico que consiste numa pressão ou força (carga energética) que faz o organismo tender para um objeto. Segundo Freud (1901), uma pulsão tem sua fonte numa excitação corporal (estado de tensão); o seu objetivo é suprimir o estado de tensão que reina na fonte pulsional, sendo no objeto, ou, graças a ele, que a pulsão pode atingir a sua meta, referente à libido - energia postulada pelo autor como substrato das transformações da pulsão sexual, tanto ao objeto (deslocamento dos investimentos), quanto à meta (sublimação, por exemplo) e à fonte da excitação sexual (diversidade das zonas erógenas).

Ogden (2004) ao escrever sobre a nova teoria das relações objetais que começam a ser formuladas a partir do texto *Luto e Melancolia* (1915), coloca que o material onírico, tema central explorado por Freud no início de sua tese, já era estudado antes de suas postulações, tendo desempenhado um papel significativo na vida cultural ao longo da história. No entanto, houve um período em que o estudo dos sonhos foi desvalorizado, considerado irrelevante, frente ao que desafiava as vigas do positivismo e da Razão. Foi Freud (1900) quem trouxe à tona a importância do material onírico, propondo um modelo que influenciou importantes técnicas da psicanálise, como o uso do divã e a associação livre, modelos relacionados à

⁷ PESSOA, Fernando. (Bicarbonato de Soda). In: PESSOA, Fernando. *Poesia completa de Álvaro de Campos*. Edição: Teresa Rita Lopes. São Paulo: Companhia de Bolso, 2015, p. 57.

dinâmica do sonhar, referente ao material encoberto e latente. Por meio dos sonhos, Freud pôde vislumbrar os meios do inconsciente, suas defesas e impasses na realização do desejo. Pode-se dizer, dessa forma, que Freud atacou uma ferida narcísica da civilização ao inferir que a tão prestigiada racionalidade humana estaria ameaçada por forças inconscientes e por um aparelho psíquico extremamente complexo e indomável.

Deste modo, o autor começa a esboçar uma metapsicologia que dará outro tom para o estudo do conceito da melancolia. No vocabulário da psicanálise, de Laplanche e Pontalis (1982), o conceito de melancolia não tem seu próprio verbete, entretanto se encontra vinculado a diversos outros conceitos. No excerto *Agressividade*, a melancolia é referenciada, dentro do campo da agressividade, como um fenômeno de auto-agressão: “sentimento de culpa inconsciente”, “reação terapêutica negativa”, etc., fenômenos que o levam a falar das “misteriosas tendências masoquistas do ego”. (Laplanche; Pontalis, 2001, p. 68)

Freud produz o texto *Luto e Melancolia* em menos de 3 meses, no início de 1915, durante um período cheio de transformações intelectuais e emocionais o trabalho foi essencial de forma que serviu como revisão da teoria psicanalítica desde a publicação da *Interpretação dos Sonhos* (1900), instigando novas compreensões a respeito da estrutura do aparelho psíquico e esboçando as teorias que iriam, posteriormente, constituir a segunda tópica, formulada a partir de 1920.

A lógica central da argumentação de *Luto e Melancolia* é introduzida quando Freud compara as características psicológicas do luto com as da melancolia, de modo que ambas são uma resposta à perda, seja ela real ou fantasiada, e que podem conter traços patológicos. Freud (1915) descreve que na melancolia ocorre:

Um desânimo profundamente doloroso, uma suspensão do interesse pelo mundo externo, uma perda da capacidade de amar, uma inibição de toda e qualquer atividade e o rebaixamento da auto-estima que se expressa por recriminações e ofensas à própria pessoa chegando a uma delirante expectativa de punição (Freud, 1915, p. 244).

Deste modo, o autor pontua que o luto e a melancolia apresentam quase a mesma gama de sintomas, com exceção do rebaixamento da auto estima - aspecto quase central na melancolia. Ao adentrar nos aspectos do luto e da melancolia, Freud a partir da investigação do inconsciente, desbrava novas hipóteses para o, até então, desconhecido funcionamento da melancolia, ao pontuar que “a realidade mostra que o objeto de amor não mais existe, o que exige que a libido seja retirada do objeto, o que desperta uma compreensível oposição, visto que o ser humano não gosta de abandonar uma posição libidinal” (Freud, 1915, p. 173).

Assim, é apresentada a ideia de que o melancólico não estaria consciente da importância que o vínculo perdido tinha para ele, como se sentisse que algo foi perdido, mas sem saber exatamente o que. Há ambiguidade na linguagem de Freud ao introduzir, de maneira sutil, a ideia de dois aspectos inconscientes relacionados à perda de objeto na melancolia e consequentemente do funcionamento do Eu. Um aspecto diz respeito à natureza do vínculo melancólico formado de maneira narcísica com o objeto, enquanto o outro trata-se da mudança na constituição do indivíduo como resposta à perda desse objeto. Assim, na tentativa de desmembrar a natureza da perda objetual inconsciente, o autor volta para a única diferença entre os dois processos - a diminuição da auto-estima do melancólico.

No luto, o mundo se torna pobre e vazio; já na melancolia, é o próprio Eu que se torna assim. O doente nos descreve seu Eu como indigno, incapaz de qualquer realização e moralmente desprezível, recrimina-se, insulta-se e espera ser expulso e punido. Humilha-se perante qualquer um, lamenta os seus por estarem ligados a uma pessoa tão indigna. Ele não apresenta nenhuma ideia de que uma mudança tenha se processado nele, mas, ao contrário, estende sua autocritica ao passado, declarando nunca ter sido nada melhor (Freud, 1915, p. 250).

Deste modo, fruto de uma nova base de formulação do Eu, o trabalho interno inconsciente da melancolia enfatiza que há uma parte do Eu que se confronta com outra, avalia-a criticamente, tomando-a como objeto: instância anteriormente chamada de consciência moral - e que posteriormente tomaria novas concepções com a formulação da instância psíquica do Super-Eu. Posteriormente, Freud irá elaborar a ideia de que o Eu é refém da conciliação entre três instâncias que o influenciam, raramente em concordância. São estas: O Id, o Super-eu e a realidade externa. Com isto, Freud elabora uma de suas afirmações mais conhecidas: “O Eu não é senhor em sua própria morada” (Freud, 1923, p. 65).

Desta forma, é formulado que um aspecto cindido, inconsciente do Eu, pode manter uma relação consciente com outra parte do Eu, de forma que um aspecto cindido do Eu pode manifestar-se tanto de forma saudável, quanto patológica. As revisões formadas a partir deste momento constituem o primeiro conjunto de princípios que postulariam futuramente com mais clareza as relações de objetos internos inconscientes em que o Eu é colocado como uma estrutura psíquica que contém componentes conscientes e inconscientes e que pode vir a cindir-se.

Ogden (2004), enfatiza a importância do entendimento em relação ao pareamento sujeito-objeto que começa a ser entendido como estendido para além da consciência. O sujeito quando tomado como objeto recrimina e humilha a si mesmo independente da temporalidade. O autor evidencia que as acusações do melancólico a si mesmo representam

na verdade ataques inconscientemente deslocados ao objeto amado, partindo-se da ideia de que na melancolia frequentemente ocorre-se embates psicológicos de sentimentos ambivalentes de amor e ódio com relação ao objeto perdido. Nesse sentido, de forma inconsciente o próprio sujeito acaba engajando ativamente em um contínuo ataque deslocado do objeto perdido internalizado, sufocando o Eu a ponto de torná-lo pobre e vazio no processo. Seu passado, presente e futuro são ceifados por uma auto imagem repugnante e indigna, ministradas pelo deslocamento libidinal. O melancólico, diferente do enlutado, tem seu sofrimento à mercê de uma autodepreciação cruel.

Freud observa que a ambivalência demonstra um papel importante à medida que o melancólico afunda-se em sua falta de valor, “dando sempre a impressão de que se sentem desconsiderados e de que foram destratados com grande injustiça” (Freud, 1915, p.255). Seu intenso sentimento de exigência e injustiça encontram sua raiz em meio a uma constelação mental de revolta e auto recriminações. Freud está sugerindo que o melancólico se sente insultado pelo objeto por ter sido sabotado e injustiçado por ele. Essa revolta, por meio de certos processos que serão adiante desenvolvidos, desemboca em um estado de melancolia..

Para compreensão das defesas dadas na melancolia, Freud desenvolve a respeito do processo da volta do investimento libidinal objetual para um investimento libidinal narcísico. Frente ao abandono real ou imaginário do objeto, na melancolia, a libido não é deslocada para outro objeto, mas, como supracitado, se retira para o Eu, estabelecendo uma identificação do Eu com o objeto abandonado. Desta maneira, “a sombra do objeto recai sobre o eu”(Freud, 1915, p.181), que agora pode ser avaliado numa outra instância como se fosse um objeto - em específico o objeto abandonado, transformando a perda objetual numa perda do Eu. Seria como se a melancolia fosse o luto que não pôde acontecer, não pôde ser endereçado, nem ter destino. Dessa forma, metaforicamente o melancólico se torna guardião de um morto - representado pelo objeto perdido, o trazendo como uma sepultura dentro de si. A melancolia, seria, então, uma imitação da morte.

Assim, o conflito passa a se tornar entre o aspecto cindido do Eu e o Eu, alterado pela identificação, em que o objeto perdido internalizado é vivenciado como um objeto persecutório. É como se o melancólico não perdeu o objeto, mas perdeu-se no objeto. Quando o depressivo fala do que perdeu, refere-se a uma perda do que ele foi um dia, uma perda de si mesmo. Na depressão também há uma perda, mas uma perda da imagem de si, uma perda que se deu num tempo que não volta mais. Por meio da identificação do melancólico com o objeto, ele nega sua separação, de forma que: *o objeto sou eu e eu sou objeto*, ou, *sem a sepultura do morto em mim, não há possibilidade para vida*.

À vista disso, o sujeito substitui o que poderia ser uma relação com um objeto externo real e que pode vir a ser decepcionante, por uma relação em que predomina a identificação narcísica - ao que pode-se inferir a ideia de sombra, com um objeto interno que existe fora da temporalidade e portanto salvo da realidade da perda. Assim, há uma evasão da dor da perda pelo melancólico, mas não sem o custo de perder sua própria vitalidade emocional.

Desta forma, não há perda possível, uma vez que o objeto externo é substituído onipotentemente por um objeto interno (Eu-identificado-com-o-objeto). Assim, segundo Ogden (2004):

Em resposta à dor da perda, o Eu cinde-se em duas partes, formando uma relação entre objetos internos em que uma parte cindida do Eu (a instância crítica) se volta iradamente (insultada) contra a outra parte cindida do Eu (o-Eu-identificado-com-o-objeto) (Ogden, 2004, p.7).

O mundo interno do melancólico é invadido pelo desejo de aprisionar o objeto perdido em forma de um substituto imaginário - por meio do Eu-identificado-com-o-objeto, tal qual metáfora da sepultura em que o melancólico dedica dentro de si para um morto-vivo. Pode-se colocar que há uma perda da realidade na melancolia, ao evadir o sofrimento da perda objetal por meio do mecanismo de cisão, o melancólico experimenta uma sensação de falta de vitalidade ao romper com a vivência dos objetos externos reais - e assim, também com parcela da realidade. A internalização do objeto faz deste um eterno prisioneiro do melancólico e concomitantemente faz do melancólico um prisioneiro do objeto.

O conceito de narcisismo presente na melancolia, explicita a ambiguidade no fato de que ao mesmo tempo em que há uma forte fixação no objeto, de forma contraditória, também há uma falta de vínculo consistente e firme com ele. Desta forma, em que a escolha objetal ocorreu narcisicamente, o investimento objetal - à frente de ameaças reais ou irreais de abandono, está sujeito a regressão ao narcisismo.

O autor publica o artigo *Introdução ao narcisismo* em 1914, a partir dele desenvolve concepções importantes para a compreensão do funcionamento das relações objetais em voga na melancolia, desenvolvido no texto *Luto e Melancolia* (1915), meses depois. O termo narcisismo é nomeado em homenagem ao mito de Narciso, que como todos os mitos, possui diferentes versões. A mais conhecida, narrada por Ovídio (43 a.C.-18 d.C.) no Livro *Metarmofoses* (8 d.C.), conta que Narciso era filho do Deus/Rio Céfiso e da ninfa Liríope.

Sua beleza era atordoante, sua mãe preocupada com a longevidade do filho, temendo que não poderia haver competição com a beleza dos Deuses do Olimpo, ao buscar o oráculo Tirésias tem como resposta que Narciso teria vida longa desde que não viesse a contemplar a

própria imagem. Durante a jovialidade, Narciso era fugazmente desejado por sua beleza, ao que respondia friamente, até que conhece Eco, ninfa conhecida por suas belas histórias, eventualmente fora amaldiçoada de forma a nunca mais poder enunciar uma fala própria e somente poder repetir o que fosse dito pelos outros. Eco apaixona-se por Narciso, Narciso não vê Eco, apenas um reflexo, até que após um tênue momento de acesso à alteridade, percebe-a como um ser diferente e a rejeita. Desprezada, a ninfa padece a morrer no alto de uma montanha, de onde - a propósito da mitologia, ouvem-se, desde então, seus ecos. Narciso é então punido por Afrodite, com a maldição de que “possa ele próprio amar, sem jamais possuir o objeto amado; a amar um amor impossível” (Vianna, 2014, p. 2). O jovem Narciso dirige-se então a um lago de águas limpas e, na busca de saciar sua sede, surge-lhe uma outra sede: “o olhar da bela forma que ele vê” (Vianna, 2014). Narciso se entorpece com sua própria imagem, tenta tocá-lo a si próprio, o que vem a se tornar seu último ato perante ao destino da morte. O jogo de engano no qual Narciso se enreda é resumido por Ovídio, *Ele ama uma esperança sem substância e crê que é substância o que é apenas sombra*.

Seria interessante dar certo enfoque na imagem trazida por Ovídio, em que Narciso é colocado como uma figura opaca diante da imagem do Outro. A ideia de sombra colocada pelo poeta romano remete ao movimento realizado pelo melancólico em que a sombra do objeto recai sobre o Eu, em que o melancólico está condenado a nunca possuir ou se desfazer do objeto perdido. O objeto idealizado comete uma fraude ao atacar a percepção da realidade do sujeito e a substituí-la por uma fachada mentirosa, do mesmo modo que Narciso, ao confrontado com a triangularidade da relação com Eco, retoma a organização narcísica, que é uma espécie de morte em vida.

Assim, Freud (1914), no texto sobre narcisismo, propõe que inicialmente o bebê - ou *Sua Majestade o Bebê* (Freud, 1914, p. 98), se encontra no estado de narcisismo primário, em que toda libido é libido do Eu, forma de investimento pulsional que encara o Eu como único objeto. O passo inicial para maturação e em direção ao mundo externo se dá por uma identificação narcísica, em que o tipo de vínculo objetal é vivenciado como extensão do próprio sujeito, para que então, pensando no desenvolvimento sexual saudável, o bebê saudável possa progressivamente diferenciar a libido do Eu e libido objetal. Nesse processo de diferenciação, começa-se a desenvolver uma forma de investimento objetal que vai além do simples deslocamento de um investimento anteriormente dirigido a si mesmo. Em vez disso, trata-se de uma expressão mais madura de ligação objetal, na qual o bebê se relaciona com objetos percebidos como externos a ele, ou seja, fora do seu âmbito de onipotência.

Deste modo, Freud vai desenvolvendo que o cerne das contradições teóricas impostas pela melancolia está contida na reflexão de que esta é uma doença do narcisismo. Consequentemente, diante de uma perda objetal, o melancólico é incapaz de enlutar, isto é, ele é incapaz de se confrontar com impacto total da realidade da perda do objeto e de estabelecer, com o tempo, uma ligação objetal madura com outros objetos (Ogden, 2004).

Apesar de não ser o aspecto central da teoria de Freud, há concepção que a melancolia implica uma identificação com aspectos odiados do objeto perdido, entretanto o que de fato diferencia o melancólico do enlutado é o fato do melancólico somente ter sido capaz de estabelecer formas narcísicas - ou seja, regredida, de relação objetal. O melancólico não conseguindo se desligar do objeto perdido, regride de um relacionamento objetal narcísico para uma identificação narcísica. Como resultado, apesar do conflito — onde o desapontamento pode suscitar sentimentos ambivalentes em que pode surgir afetos de ódio em relação à pessoa amada — a relação amorosa não precisa ser abandonada. Freud (1915) resume essa ideia em uma frase perto do final do ensaio: “Refugiando-se no Eu, o amor escapa à eliminação.” (Freud, 1915, p.192)

Na melancolia, o recurso de regredir a identificação narcísica como maneira de não vivenciar e reconhecer o fato da perda objetal. Portanto, a natureza narcísica do melancólico impossibilita-o de ficar em contato com a dolorosa realidade irrevogável da perda do objeto, movimento necessário para a realização de um luto saudável.

Vale-se ressaltar que a perda vivenciada pelo melancólico está além de um caso de morte ou separação, mas abrange qualquer situação de ofensa, humilhação ou decepção, ou até uma abstração que ocupa o lugar de objeto, como a pátria, liberdade, um ideal etc. O investimento objetal na melancolia, permeado pela ambivalência entre amor e ódio, é colocado por Freud como destinado duplamente: parte regride a uma identificação e outra - sob o conflito da ambivalência, foi levada de volta à etapa de sadismo. Ao não conseguir renunciar ao objeto e estabelecer uma identificação narcisista com ele, os sintomas de autopunição do melancólico resultam em uma forma de satisfação sádica derivada desse sofrimento.

Freud desenvolve sobre o sadismo no texto *O problema econômico do Masoquismo* em 1924, em que discorre sobre os mecanismos envolvidos nos processos sádicos e masoquistas, ligados ao princípio do prazer que o autor descreve como guardião da vida psíquica. Ao elaborar sobre o masoquismo, um dos tipos sob o qual o autor se debruça é o masoquismo moral, destacado por ele por ter relação com “aquilo que reconhecemos como sexualidade” (Freud, 1924, p.194). O autor descreve este movimento como sendo diferente

dos outros por não precisar haver um objeto externo, ao passo que ocorre-se uma retirada da libido de forma que o instinto de destruição volta-se a si mesmo.

Há também um sentimento de culpa inconsciente presente, ao qual Freud rejeita e nomeia como “necessidade de punição”. É atribuído ao Super-eu a função de consciência moral e a necessidade de punição - centralmente presente na melancolia. Destaca-se então uma tensão entre Eu e Super-eu, desta forma, o Eu reage com sintomas de angústia ao perceber-se aquém das exigências colocadas por seu ideal, o Super-eu, advindo de introjeções de figuras de autoridade e suas características essenciais, seu poder, severidade e inclinação a vigiar e punir. Assim, o Super-eu pode ser “duro, cruel, inexorável com o Eu que é por ele guardado” (Freud, 1924, p.197). Ao voltar ao masoquismo moral, no que diz respeito à inibição de modo excessivo e consciência particularmente sensível, o autor discorre sobre o intensificado sadismo do Super-eu a qual o Eu se submete.

Pode-se fazer uma clara relação entre as postulações feitas por Freud em 1924 a respeito dos ataques sofridos pelo Eu pelo Super-Eu com as considerações que faz em Luto e Melancolia. O Super-eu severo e sádico do melancólico não avalia a realidade como ela é, mas como deveria ser - certa ou errada, sentem-se permanentemente julgados e condenados, fazendo o mesmo com os outros. Em determinado ponto do segundo texto, o autor descreve as autocríticas - autodirigidas, do melancólico em comparação com a avaliação que o príncipe Hamlet faz de si e dos outros, citando a expressão “Trate cada homem conforme seu mérito, e quem escapará do açoite?” (Hamlet, ato 11, cena 2). Cito esse trecho, pois além de sua concordância com o presente trabalho ao que diz respeito à interlocução com a literatura, há também uma espécie de lampejo teórico do autor em relação à formulação do Super-eu e aos movimentos sádicos que ocorrem na melancolia. Assim, ao passo que parte do investimento amoroso do melancólico volta ao estágio de sadismo, o autor postula que essa regressão resolveria o enigma da inclinação ao suicídio na melancolia. A análise da melancolia revela que o Eu pode se autodestruir apenas quando, através do retorno do investimento objetal, consegue tratar a si mesmo como um objeto. Isso ocorre quando é capaz de direcionar contra si a hostilidade que originalmente se dirigia aos objetos do mundo externo. Assim, regressão da escolha objetal narcísica, o objeto supostamente eliminado pelas vias da identificação se mostra mais poderoso do que o próprio Eu.

Cassorla (2021) ao pontuar as fantasias inconscientes encontradas no suicídio, cita a melancolia referente a fantasia de autopunição. O autor coloca que, ao deparar-se com ideias suicidas, o melancólico na verdade tem como objetivo matar o objeto interno que recebe os investimentos sádicos a qual está identificado. Em última instância, o suicida, de certa forma,

deseja o fim da realidade ameaçadora, de um sofrimento insuportável, revela a necessidade de destruir esse objeto que o ameaça internamente, não de sua vida em si.

Acontece-me às vezes, e sempre que me acontece é quase de repente, surgir-me no meio das sensações um cansaço tão terrível da vida que não há sequer hipótese de ato com que dominá-lo. Para o remediar, o suicídio parece incerto, a morte, mesmo suposta a inconsciência, ainda pouco. É um cansaço que ambiciona, não o deixar de existir - o que pode ser ou pode não ser possível, mas uma coisa muito mais horrorosa e profunda, o deixar de sequer ter existido, o que não há maneira de poder ser (Bernardo Soares⁸).

O estudo da melancolia abriu margem para que Freud pudesse elaborar novas articulações para o desenvolvimento da metapsicologia. Em suma, a reflexão freudiana sobre a melancolia oferece uma profunda compreensão das complexas interações entre o sujeito e seu mundo interno. Ao destacar a natureza ambivalente das relações objetais, Freud revela como a perda de um objeto amado desencadeia não apenas um luto, mas uma regressão a estados narcísicos que dificultam o processamento da dor.

Essa dinâmica interna transforma a experiência de perda em uma batalha, na qual o Eu se torna um campo de batalha entre o amor e a autocrítica, entre a memória e o desejo. A análise das defesas do melancólico, marcada pela auto agressão e pela identificação com o objeto perdido, sugere que a melancolia não é apenas um estado de tristeza, mas uma imitação da morte que impede o indivíduo de se reconectar com o mundo externo. Assim, Freud não apenas abre portas para o entendimento da melancolia, mas também nos convida a reconsiderar a fragilidade da condição humana, ressaltando a necessidade de enfrentar a dor da perda para permitir a possibilidade de um luto saudável e a reconstrução do Eu, e a redescoberta da vitalidade emocional que, muitas vezes, fica aprisionada na sombra da melancolia.

Tabacaria

Não sou nada. Nunca serei nada.
Não posso querer ser nada.
À parte isso, tenho em mim todos os sonhos do mundo.
[...]
Falhei em tudo.
Como não fiz propósito nenhum, talvez tudo fosse nada.
A aprendizagem que me deram, Desci dela pela janela das traseiras da casa.
Fui até ao campo com grandes propósitos.
Mas lá encontrei só ervas e árvores,
[...]
Serei sempre o que não nasceu para isso;
Serei sempre só o que tinha qualidades;

⁸ PESSOA, Fernando. *Livro do Desassossego*. Edição revista e atualizada. Organização e introdução de Richard Zenith. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

Serei sempre o que esperou que lhe abrissem a porta ao pé de uma parede sem porta,
E cantou a cantiga do Infinito numa capoeira,
E ouviu a voz de Deus num poço tapado.
Crer em mim?
Não, nem em nada.
[...]
Fiz de mim o que não soubeE o que podia fazer de mim não o fiz.
O dominó que vesti era errado.
Conhecera-me logo por quem não era e não desmenti, e perdi-me.
Quando quis tirar a máscara,Estava pegada à cara.
[...]
Essência musical dos meus versos inúteis,
Quem me dera encontrar-me como coisa que eu fizesse,
E não ficasse sempre defronte da Tabacaria de defronte,
Calcando aos pés a consciência de estar existindo,
Como um tapete em que um bêbado tropeça
Ou um capacho que os ciganos roubaram e não valia nada.
(Álvaro de Campos⁹)

4.3 Melancolia e a depressão

Após as formulações feitas por Freud, a psiquiatria começa a se desenvolver e rompe com a visão mística e teológica da melancolia. Diante de uma maior racionalização, a melancolia é vista como um distúrbio mental passível de tratamento. Esquirol (1838) e Pinel (1856) caracterizam a melancolia como uma forma de mania, uma perturbação mental marcada por um delírio parcial com uma tendência à tristeza ou auto punitiva. Para Esquirol (1838), o termo melancolia, que na linguagem cotidiana expressa o estado de tristeza, deve ser reservado aos filósofos e poetas, que não precisariam se ater, em suas expressões, à mesma seriedade que os médicos.

Neste momento, ela perde sua denominação original e começa a ser pautada em teorização como patologia de origem neuroquímica e é incluída no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM I) em sua primeira publicação em 1953 pela Associação Psiquiátrica Americana, como transtorno depressivo, comumente referida apenas como depressão, segundo Fernandez (2020), dotada de caráter unicamente orgânico, a suposta afecção tem, agora, a necessidade de ser combatida "por medicação, pela palavra, pela droga, pelo regime diário" (Scliar, 2008 apud Fernandez, 2020, p.32).

⁹PESSOA, Fernando. (Tabacaria). In: PESSOA, Fernando. Poesia completa de Álvaro de Campos. Edição: Teresa Rita Lopes. São Paulo: Companhia de Bolso, 2015, p. 227.

Assim, a perspectiva psiquiátrica eclipsa as antigas concepções de melancolia, estabelecendo um contexto determinista, classificatório e reducionista. Atualmente, os transtornos depressivos são amplamente diagnosticados e medicalizados, tornando-se uma das patologias mais comuns da contemporaneidade. Da mesma forma que a melancolia se tornou uma patologia predominante no século XIX, a depressão emerge na atualidade como uma das principais formas de expressão do mal-estar contemporâneo. Mendes (2014) aponta que as mudanças estruturais na sociedade, resultantes da transição da modernidade para a pós-modernidade, são marcadas pela heterogeneidade e diversidade, com ênfase na fragmentação, indeterminação e desconfiança em relação aos discursos universais e ao mundo. As autoras caracterizam a contemporaneidade como uma era de questionamento das certezas absolutas, o que, por um lado, fragiliza o indivíduo, tornando-o vulnerável e desorientado.

Moreira (2002), ao examinar a evolução dos estudos freudianos sobre a melancolia, destaca que desde o início de sua obra, Freud diferencia a melancolia da depressão e observa que a melancolia é marcada por uma anestesia psíquica da sexualidade, na qual o indivíduo não manifesta desejo sexual. Em contrapartida, ele associa a depressão à neurose de angústia. Segundo Moreira (2002), houve um distanciamento da metapsicologia freudiana dentro da própria psicanálise, resultando na exclusão do termo melancolia do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (4ª edição) da Associação Psiquiátrica Americana e da Classificação Internacional de Doenças (CID-10) da Organização Mundial da Saúde.

Essa dissolução da melancolia na depressão acarreta sérias implicações teóricas e clínicas, pois oculta características distintivas da dinâmica psíquica dos pacientes melancólicos, especialmente ao que refere aos impulsos destrutivos e ao sentimento de culpa. A falta de diferenciação entre melancolia e depressão também gera dificuldades na definição da abordagem terapêutica.

Em síntese, a transição do termo melancolia para a formulação sintomática da depressão ilustra uma mudança significativa na compreensão dos distúrbios mentais ao longo do tempo. Enquanto a melancolia, com suas conotações poéticas e filosóficas, foi uma preocupação predominante no século XIX, a psiquiatria contemporânea, influenciada por um paradigma biológico e reducionista, reformulou essa condição sob a etiqueta de depressão.

Essa transformação não apenas desvalorizou aspectos importantes da experiência subjetiva, como os impulsos destrutivos e a culpa, mas também complicou a prática clínica, dificultando a diferenciação entre essas condições. A crescente medicalização da depressão reflete um contexto social que, embora permeado por incertezas e fragmentações, demanda

uma compreensão mais profunda e sensível dos processos psíquicos. Diante da complexidade das afecções psíquicas exige que a psicanálise e a psiquiatria continuem a dialogar, buscando resgatar as nuances e as complexidades da subjetividade humana, especialmente em um mundo que enfrenta cada vez mais os desafios do mal-estar contemporâneo.

5. Fernando Pessoa: Aquém do eu, Além do outro

5.1 Fernando Pessoa e seus heterônimos

No início do século XX, em Lisboa foi criada a revista *Orpheu*, uma revista literária que, apesar de ter publicado apenas duas edições, lançou alguns escritores centrais para a literatura lusitana: Mário de Sá-Carneiro, José de Almada Negreiros, Alberto Caeiro, Álvaro de Campos, Ricardo Reis e Fernando Pessoa, ao passo que os quatro últimos habitavam o mesmo corpo – o de Fernando Antonio Nogueira Pessoa, que se destacou pela multiplicidade de personalidades e obras (Perrone-Moisés, 2001). Analisando as cartas e escritas autobiográficas de Pessoa, Soler (1997) conclui:

Ai é um doente que fala. Um solitário assombrado pela loucura, habitado pela depressão e que espera a “catástrofe nervosa”, que se diz inteiramente “feito de hesitação, de dúvida”, “desprovido do poder de querer”, amalgamado de incerteza, de passividade e de sonho, que assegura viver na tortura e no “mal-estar psíquico”, não ser senão o “atlas involuntário de um mundo de tédio”, flutuando na dúvida, cativo do desespero e do horror. Desarvoramento, desolação, depressão, neurastenia... Desta insistência brota a ideia de uma existência ao mesmo tempo larvada e torturada, glauca e estridente, atormentada pela consciência do nada de todas as coisas (Soler, 1997, p. 244).

Fernando Pessoa, nasceu em Lisboa em 13 de junho de 1888, considerado um dos maiores escritores da língua portuguesa e figura central da literatura modernista. Após a morte precoce do pai, Pessoa mudou-se para Durban, na África do Sul, onde seu padrasto assumiu um cargo diplomático. De volta a Portugal em 1905, estabeleceu-se em Lisboa, cidade que inspiraria e serviria como cenário para grande parte de sua obra literária. Pessoa é um substantivo português que significa “alguém”; deriva do latim *persona*, que deriva, por sua vez, do etrusco, do qual designava a máscara no contexto teatral (Silva Junior, 2019).

Considerado um dos poetas mais complexos e prolíficos do século XX, Pessoa é especialmente conhecido por sua criação de múltiplos heterônimos, cada um com uma personalidade, estilo literário e visão de mundo próprios. Estima-se que foram criados em torno de 15 heterônimos, sendo Álvaro de Campos, Alberto Caeiro, Ricardo Reis e o

semi-heterônimo Bernardo Soares, os mais marcantes. Dada a grande complexidade de cada, heterônimo busca-se no presente trabalho apresentar de forma sucinta as principais características e fatos biográficos de Caeiro, Campos e Soares. Campos e Soares pela quantidade de citações no presente trabalho devido a temáticas que tangenciam a melancolia e Caeiro por ser o primeiro heterônimo criado, considerado mestre de ambos.

Silva (2021), ao fazer esta análise, descreve Alberto Caeiro, heterônimo primogênito, como idealizado por Pessoa como uma figura humilde e simples, valoriza a vida no campo e que despreza o pensamento abstrato, acreditando que o ato de pensar distorce a percepção, onde ele insiste que *pensar é estar doente dos olhos* (Alberto Caeiro). O heterônimo é visto como o mestre dos outros heterônimos, com uma visão antimetafísica que celebra o sensorial e o concreto.

Sua obra mais famosa, *O Guardador de Rebanhos* (1925), é um conjunto de poemas que reflete a filosofia direta de Caeiro, quase como um diário de impressões sobre a natureza, onde cada poema é uma meditação simples sobre seu mundo bucólico e concreto. Por meio da criação de Alberto Caeiro, “Pessoa percebe o seu eu como um outro” (Silva Junior, 2019, p. 107). Segundo Silva Junior (2019), para Fernando Pessoa, sentir-se ele mesmo não é muito diferente de se sentir outro:

Num dia em que finalmente desistira - foi em 8 de Março de 1914 - acerquei-me de uma cômoda alta, e, tomando um papel, comecei a escrever, de pé, como escrevo sempre que posso. E escrevi trinta e tantos poemas a fio, numa espécie de êxtase cuja natureza não conseguirei definir. Foi o dia triunfal da minha vida, e nunca poderei ter outros assim. Abri com um título, *O Guardador de Rebanhos*. E o que se seguiu foi Fernando Pessoa-Alberto Caeiro a Fernando Pessoa ele só. Ou, melhor, foi a reação de Fernando Pessoa contra sua inexistência como Alberto Caeiro (Pessoa, 1935 apud Silva Junior, 2019).

Na constelação heteronímica, Álvaro de Campos é considerado o mais complexo, emotivo e dramático dos heterônimos, tendo acompanhado a trajetória de Pessoa até sua morte, em 1935 (Silva, 2021). Sua linguagem é permeada por um certo cansaço, mostrando um desencanto com o mundo e uma busca por meios de afastar a falta de sentido que o inquietava. Em sua trajetória poética, passa por diferentes fases: uma fase inicial marcada por desencantamento e tédio, com o anseio por mudanças. O poema *Opiário* (1914) é um exemplo desse período, no qual o poeta se mostra um boêmio, atraído pelo entorpecimento como escape do existir e da monotonia:

É antes do ópio que a minh'alma é doente.
Sentir a vida convalesce e estiola

E eu vou buscar ao ópio que consola
Um Oriente ao oriente do Oriente.
(Álvaro de Campos¹⁰)

A segunda fase é considerada futurista, devido à grande exaltação do progresso e da tecnologia. Já a fase final, marcada por traços de introspecção e pessimismo, é caracterizada por um sentimento de vazio e cansaço, o heterônimo reflete sobre o isolamento e a angústia de ser incompreendido e entra em um estado de profunda melancolia e desilusão perante o mundo (Silva, 2021). Essa fase é marcada por uma certa descrença em relação ao futuro e uma nostalgia do passado, como um retorno à introspecção do início de sua carreira.

Campos busca explorar intensamente as sensações e a própria subjetividade, diferindo dos outros heterônimos em sua complexa visão de mundo, o heterônimo, é em essência, um "eu" em constante transformação, que busca continuamente a fuga do tédio e a satisfação de sua ânsia por sensações, mas que, no final, encontra apenas o vazio e angústia.

Por fim, Bernardo Soares é descrito por Pessoa como um "semi-heterônimo", pois é o mais próximo do próprio autor, sendo descrito por ele como uma extensão sua, apesar de ainda constituir uma individualidade distinta. Soares é o autor do *Livro do Desassossego* (1982), um livro fragmentado e introspectivo, onde explora um sentimento profundo de inquietação e inquietude com o mundo (Silva Junior, 2019).

Sua escrita é marcada pela reflexão introspectiva, com um olhar atento à banalidade da existência e às pequenas angústias do cotidiano. Soares vive em um estado constante de desassossego, um termo que sintetiza sua visão de mundo, onde tudo é passageiro e sem propósito, na qual a realidade é percebida como um conjunto de fragmentos desconexos:

385.

Névoa ou fumo? Subia da terra ou descia do céu? não se sabia: era mais como uma doença do ar que uma descida ou uma emanção. Por vezes parecia mais uma doença dos olhos que uma realidade da natureza. Fosse o que fosse ia por toda a paisagem uma inquietação turva, feita de esquecimento e de atenuação. Era como se o silêncio do mau sol tomasse para seu um corpo imperfeito. Dir-se-ia que ia acontecer qualquer coisa e que por toda a parte havia uma intuição, pela qual o visível se velava (Bernardo Soares¹¹).

10

PESSOA, Fernando. (sem título). In: PESSOA, Fernando. Poesia completa de Álvaro de Campos. Edição: Teresa Rita Lopes. São Paulo: Companhia de Bolso, 2015, p. 200.

¹¹PESSOA, Fernando. *Livro do Desassossego*. Edição revista e atualizada. Organização e introdução de Richard Zenith. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

Seus textos revelam uma sensibilidade exacerbada, uma consciência aguda de si mesmo e uma propensão ao isolamento e à tristeza, temas recorrentes nas obras assinadas pelo próprio Pessoa. O semi-heterônimo representa o lado mais melancólico e filosófico de Pessoa, um “eu” que observa a vida com um distanciamento cético e melancólico, lidando com a solidão e a angústia existencial de forma a debruçar-las em sua escrita.

Assim, o sentimento inquietante diante das inúmeras personalidades criadas pelo autor é inegável. Há um estranhamento inicial diante da concepção de tantos que são escritos por um só. Em busca de esclarecer o funcionamento da constelação heteronímica, nas palavras de Pessoa:

Como escrevo em nome desses três? Escrevo sob o nome de Caeiro, por pura e súbita inspiração, sem saber ou sequer imaginar o que vou escrever [...] Campos, quando sinto um súbito impulso para escrever e não sei o quê. O meu semi-heterônimo Bernardo Soares, que, aliás, em muitos aspectos se parece com Álvaro de Campos, aparece sempre que estou cansado ou sonolento, de sorte que tenha um pouco suspensas as qualidades de raciocínio e de inibição; aquela prosa é um constante devaneio. É um semi-heterônimo porque, não sendo a personalidade a minha, é, não diferente da minha, mas uma simples mutilação dela. Sou eu menos o raciocínio e a afetividade [...] A simulação é mais fácil, até porque é mais espontânea, em verso (Fernando Pessoa, 1935 apud Silva Junior, 2019).

5.2 Poesia e Melancolia

Poetizar é assumir a morte e aprender a morrer (Fernandez, 2020).

Segundo Fernandez (2020), pode-se inferir a melancolia quanto morada da ausência de sentido, enquanto o ato criador, ligado à poesia, como a possibilidade da presença: “no encontro entre a melancolia e a poesia está a linguagem” (Fernandez, 2020, p.42) que concede à angústia inominável uma saída possível. A poesia é signo daquilo que é inominável da melancolia, e desta forma a poesia dota o poeta de significante: melancólico. O desejo excessivo preenche o vazio, escreve Leyla Perrone-Moisés (2001): “[...] e faz, do nada, tudo” (Perrone-Moisés, 2001, p. 117).

Fernandez (2020) cita Starobinski (2012) que ao adentrar no universo melancólico, o descreve como: “[...] um mundo inanimado, atacado por morte, aspirado pelo nada, espaço despovoado [...]” (Starobinski, 2012 apud: Fernandez, 2020, p.43) recaído sob a sombra do objeto, o melancólico está perdido em sua melodia repetitiva, impassível de significação e monótona acerca de um objeto perdido que o habita feito uma sepultura.

Ao possibilitar um movimento sublimatório, permitindo a simbolização primária de conteúdos inacessíveis à consciência, decompondo e refazendo signos, a poesia surge como possibilidade de combater o desmoronamento psíquico que atinge o melancólico (Fernandez, 2020), por meio do registro passível de simbolização preenche-se a falta com a criação. Kristeva (1989), elabora que no ato de escrever e na escrita, a poesia tem a eficácia sublimatória, pois “[...] nomear o sofrimento, exaltá-lo, dissecá-lo em seus menores componentes é, sem dúvida, um meio de absorver o luto [...]” (Kristeva, 1989, p. 96).

Isto posto, pode-se aferir que a poesia serve como contrapeso simbólico das inúmeras perdas na melancolia, por meio da catarse poética o poeta-melancólico tem ao alcance da linguagem a possibilidade da sublimação. Assim, é importante ressaltar que a poesia serve como um canal onde tendências melancólicas podem se manifestar. A potência conferida à linguagem encontra na escrita poética/melancólica o alcance de conteúdos inconscientes em sua maior parte inferido pelo limite da linguagem:

Falada e escrita, toda linguagem enfrenta o limite inerente à própria linguagem. A palavra, como unidade primeira, e o conjunto de palavras que formam a linguagem, como sistema de signos que comunicam ideias, carregam em si um enorme e indissolúvel impasse: a necessidade e o desejo da expressão do sujeito que esbarra na impossibilidade de dizer o mundo e o próprio mundo; o que se quer e necessita dizer - ou escrever - versus o que se pode e consegue dizer - ou escrever - e o que, de fato, se escreve (Fernandez, 2020, p. 46).

Deste modo, a linguagem poética permite certa libertação para o sujeito-poeta, a palavra encontra saída por meio de uma expressão descompromissada com o conteúdo ao passo que a poesia transcende a mera expressão literal. Fernandez (2020) coloca que essa característica pode ser vista como o encantamento da poesia e também parte de seu mistério ao passo que a linguagem poética é dotada de conteúdos ricos tanto pelas entrelinhas quanto pelas linhas. A poesia serve como meio para retirar as palavras do silêncio permitindo a elaboração e o contato com uma forma saudável de experienciar o luto.

5.3 Pessoa-Vazio

Perrone-Moisés (2001) discorre que todo trabalho sobre Fernando Pessoa é uma indagação sobre a identidade. A complexidade para com que o autor dialoga conceitos antagônicos como ser/não-ser, morte/vida, coloca o leitor a frente do sujeito como um significante vazio. Shakespeare ao escrever o famoso solilóquio em que Hamlet exclama: *ser ou não ser, eis a questão [...] Qual mais buscado fim: Dormir, morrer, Dormir!*, dissecou a

natureza melancólica profundamente ligada ao significante de vazio. Essa fala reflete o estado introspectivo e angustiado de Hamlet, que está dividido entre a vida e a morte, entre o ser e o não-ser, o que simboliza seu questionamento diante de sua própria existência. No entanto, ele hesita em abraçar o "não-ser" devido ao desconhecido — ao "sono" da morte que pode trazer sonhos terríveis ou o vazio absoluto. Esse vazio representa o nada, um estado que Hamlet teme, pois a morte pode ser tanto o do desamparo diante da falta de sentido da vida quanto o abandono de qualquer sentido ou propósito.

Diante do vazio, o desejo aspira preencher uma brecha por meio da criação, na qual a ficção se torna íntima da ausência de sentido. Para Pessoa, a poesia se apresenta como sublimação, e devolve o sentido para o poeta que, por meio de muitos, fala do mesmo vazio. O poeta moderno fala no vazio e sobre ele:

Noite. Caíram as asas do cansaço
Sobre a alma, como um esquecimento frio,
E não houve ao romper deste silêncio
Mais que o apelo do nada, a escuridão e o vazio.

Não há quem se conheça, não há laço
Entre quem está só e o mundo vário e vasto;
Tudo é longínquo e vago, o céu baço
Abre-se a coisas sem fim, a mundos gastos.

Eu nada sou, não sei, perco-me e calo-me...
Ardem-me os olhos de ver coisas que nunca
Vi em lugar algum, nem entendo nem sei.

Choro como se chorasse quem vive,
Sofro como se sofresse quem sente,
Estou só no mundo com tudo.

(Fernando Pessoa)

Como supracitado enquanto a melancolia é morada da ausência, o criar é a possibilidade da presença (Fernandez, 2020). Ressalta-se que a poesia de Pessoa é oriunda do encontro com o vazio, deste modo, a questão da existência do sujeito e suas fragmentações é o principal polo da poética do autor lusitano, o que torna o diálogo de sua obra com a psicanálise possível e fértil. Pode-se perceber, na obra de Fernando Pessoa, que os elementos de composição melancólica desencadeiam sua poesia. De seus textos emana uma tristeza profunda, sentimento de falta de sentido, a dor de uma solidão assumida e desejada, tédio imenso diante da vida, cansaço perante a existência, ceticismo sem remédio, além de uma saudade profunda da infância.

Tais ideias a partir do significante vazio partem de uma provocação feita por Perrone-Moisés (2001) de que Pessoa é ninguém, de que existe uma dimensão de uma *falta* à ser que tem que ser contemplada. A autora afirma que toda “pessoa” é ninguém ao passo que toda personalidade faz parte de uma construção imaginária, entretanto, o autor lusitano, à mercê de seu mundo heteronímico, afastou-se e anulou-se de forma que apareceu pouco socialmente como Fernando Pessoa, estando a maior parte na sombra de seus heterônimos. Multiplicou-se tanto que já não podia ser alguém. (Perrone-Moisés, 2001).

SÚBITA MÃO DE ALGUM FANTASMA OCULTO

Súbita mão de algum fantasma oculto
Entre as dobras da noite e do meu sono
Sacode-me e eu acordo, e no abandono
Da noite não enxergo gesto ou vulto.

Mas um terror antigo, que insepulto
Trago no coração, como de um trono
Desce e se afirma meu senhor e dono
Sem ordem, sem meneio e sem insulto.

E eu sinto a minha vida de repente
Presa por uma corda de Inconsciente
A qualquer mão noturna que me guia.

Sinto que sou ninguém salvo uma sombra
De um vulto que não vejo e que me assombra,
E em nada existo como a treva fria.
(Fernando Pessoa)

O excerto acima contempla as dimensões descritas pela autora. *Sinto que sou ninguém salvo uma sombra/De um vulto que não vejo e que me assombra*. Em diálogo com Ricardo Radin, orientador do presente trabalho, ele comenta que o poema acima o parece a cena de uma noite em que Pessoa acorda subitamente e não se reconhece, se encontra no estado de *não* ser ninguém, nem Fernando, nem Campos, nem Reis, nem Caeiro, *E em nada* existe, *como a treva fria*.

6. CONCLUSÃO

Através deste estudo, explorou-se a profunda e multifacetada interseção entre a psicanálise e a literatura da obra de Fernando Pessoa. A partir das teorias de Freud sobre o luto e a melancolia, percebe-se que a linguagem do poeta revela uma profunda relação com o desamparo de existir perante um mundo de incertezas e perdas, sejam estas reais ou imaginárias. Torna-se notável por meio deste estudo como a literatura de Fernando Pessoa,

permeada pela melancolia, oferece uma rica interlocução com a psicanálise freudiana, ao revelar uma relação complexa entre o Eu e o outro. Através de seus heterônimos, Pessoa cria "um mundo inanimado, atacado por morte, aspirado pelo nada, espaço despovoado" (Starobinski apud Fernandez, 2020, p. 43), ilustrando a presença de uma inquietação interna que remete à psicanálise freudiana do "Inquietante" (Freud, 1919). Este conceito revela o estranho no familiar, uma "sombra do objeto" que "recai sobre o Eu" (Freud, 1915), trazendo à tona a profundidade do conflito inconsciente que o melancólico vivência.

A criação dos heterônimos torna-se uma expressão de fragmentação interna, em que o poeta questiona, como Álvaro de Campos: "Quem é eu? O que é este intervalo entre mim e mim?". Esse desdobramento do Eu representa um sintoma da melancolia que marca sua obra, refletindo o "intervalo entre o sujeito e o mundo interno" (Ogden, 2004). Sob o prisma da psicanálise, percebe-se que a poesia de Pessoa oferece uma forma de lidar com o "eu" despedaçado e com o sentimento de perda – não necessariamente de um objeto específico, mas de um sentido maior. Como Freud descreve, "no luto, o mundo se torna pobre e vazio; já na melancolia, é o próprio Eu que se torna assim" (Freud, 1915, p. 250), elucidando como a obra de Pessoa expõe não só a dor da perda, mas o dilema de existir em meio ao vazio.

Destaca-se o papel da poesia como um recurso de expressão, um "canal onde tendências melancólicas podem se manifestar" (Fernandez, 2020, p. 46). Nessa criação, a melancolia se torna "um meio de absorver o luto" (Kristeva, 1989, p. 96), simbolizando a busca por preencher o vazio existencial. Em última análise, Pessoa utiliza sua arte para questionar a identidade e explorar as fronteiras entre a ficção e o inconsciente, reforçando como a literatura pode ser uma ferramenta poderosa na compreensão do Eu fragmentado e da subjetividade humana.

Assim, o presente trabalho corrobora a ideia de que a poesia pessoana não é apenas um registro literário, mas também uma incursão nos labirintos da subjetividade e do inconsciente. Fernando Pessoa, com suas múltiplas vozes e perspectivas, expande o conceito de melancolia. Sua obra nos convida a refletir sobre a complexidade do eu e o mistério da existência, lembrando-nos de que, na palavra poética, o sofrimento pode ganhar novos sentidos e encontrar simbolização.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Verena. *Indivíduo e biografia na história oral*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2000. 5 f.

ALVES, William Selau. Melancolia: o objeto perdido que me assombra. *Reverso*, Belo Horizonte, v. 40,n.76,p.63-67, dez. 2018. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952018000200008&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 25 mar. 2024.

BERRIOS, G. E., Melancolia e depressão durante o século XIX: uma história conceitual. In: **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, vol. 15, no. 3, p. 590-608, setembro.2012.

CINTRA, Elisa Maria de Ulhôa e RIBEIRO, Marina Ferreira da Rosa: **Características do luto em Freud, Por que Klein?**. São Paulo: Zagodoni, 2018. p. 134-136.

CINTRA, Elisa Maria de Ulhôa; FIGUEIREDO, Luís Cláudio: A década de 1930 e a posição depressiva. **Melanie Klein: estilo e pensamento**. São Paulo: Zagodoni, 2018. p. 76-84.

CORREA, Flávio Rotta et al . **O rico e dramático mundo (interno) de Fernando Pessoa. Ide (São Paulo)**, São Paulo , v. 42, n. 70, p. 47-59, dez. 2020 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31062020000200005&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 25 mar. 2024.

FERNANDEZ, Maria Cristina Ribeiro. **Complexidade, melancolia, tabacaria**. 2020. 152 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2020.

FREUD, Sigmund. **Luto e Melancolia. Obras Completas**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

_____. **O Eu e o Id. Obras Completas**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

_____. **Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade. Obras Completas**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

_____. *Além do Princípio do Prazer. In O Homem dos Lobos: História de uma Neurose Infantil: Obras Completas*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

KIRSCHBAUM, Roberto. **Da melancolia ao luto: desafios e possibilidades na análise das neuroses narcísicas de tipo melancólico**. 2014. 125 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014.

KRISTEVA, Julia. **Sol negro: depressão e melancolia**. Trad. Carlota Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

LAMBOTTE, Marie-Christine. *Estética da Melancolia*. São Paulo: Companhia de Freud, 2000.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. **Vocabulário de psicanálise**. 2.ed. Santos: Martins Fontes, 1970.

LOB, Anna Miha. **Narciso Assombrado: um estudo sobre a melancolia na obra de Freud**; 2013; Trabalho de Conclusão de Curso; (Graduação em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; Orientador: Talitha Ferraz de Souza.

LOURENÇO, Eduardo. **Poesia e metafísica**. 1.ed. Lisboa: Sá da Costa, 1983.

PESSOA, Fernando. **Poesia completa de Álvaro de Campos**. Edição: Teresa Rita Lopes. São Paulo: Companhia de Bolso, 2015.

PESSOA, Fernando. *Livro do Desassossego*. Organização de Richard Zenith. Edição revista e atualizada. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.

PESSOA, Fernando. *Carta a Adolfo Casais Monteiro*. 1935. In: PESSOA, Fernando. *Cartas de Fernando Pessoa*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2000.

MENDES, E. D.; VIANA, T. DE C.; BARA, O.. **Melancolia e depressão: um estudo psicanalítico**. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 30, n. 4, p. 423–431, out. 2014.

MOREIRA, Ana Cleide Guedes. *Clínica da Melancolia*. São Paulo: Escuta; Belém: Editora da UFPA, 2002.

NAFFAH NETO, Alfredo; CINTRA, Elisa Maria de Ulhoa. **A pesquisa psicanalítica: a arte de lidar com o paradoxo**. 2012.

OGDEN, Thomas H. **Uma nova leitura das origens da teoria das relações objetais**. *Livro Anual de Psicanálise*, v. 18, p. 85-98, 2004

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Pessoa e a doença do ocidente**. *Via Atlântica*, n. 4, p. 95-105, 2000 Tradução . . Acesso em: 05 nov. 2024

PROCHET, Neyza. **A dor e o existir: Fernando Pessoa**. *Cad. psicanal.*, Rio de Janeiro , v. 34, n. 27, p. 11-21, dez.2012 Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-62952012000200001&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 08 nov. 2024.

Seitel, G. J. S. (2015). **Da escrita do eu à demanda melancólica: uma leitura de Bernardo Soares e Álvaro de Campos**. *Nau Literária*, 11(1). <https://doi.org/10.22456/1981-4526.55197>

SILVA, Jackson Michael da. **A Heteronímia Segundo As Cartas de Fernando Pessoa**. 2022. 24 f. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Letras – Português) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2021.

SILVA JUNIOR, Nelson. **Fernando Pessoa e Freud: diálogos inquietantes**. São Paulo: Editora Blucher. 2019.

SOARES, L. A. Das *Unheimliche* ou "O Estranho", de Freud. *Abusões*, v. 10, n. 10, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/abusoes.2019.42193>. Acesso em 7 de out. 24

SOLER, Colette. Pessoa, a esfinge. In: RIBEIRO, Maria Anita Carneiro; MOTTA, Manoel Barros da (Org.). **Os Destinos da Pulsão: sintoma e sublimação**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 1997, v. 1, p. 227-272.

VALÉRIA DOS SANTOS. **Paisagens sem cor: visualidades e imagens na poesia de Álvaro de. Campos**. MARINGÁ. 2016. Page 2. VALÉRIA DOS SANTOS. Paisagens sem cor .

VILA MAIOR, Dionísio. Fernando Pessoa. In: RODRIGUES, Ernesto; SOUSA, Rui (org.). A Dinâmica dos Olhares: Cem Anos de Literatura e Cultura em Portugal. Lisboa: Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2017. p. 213-245.